

As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das Grutas do Poço Velho (Cascais)

Júlio Roque Carreira*

1. Introdução

Resumo

Neste artigo apresenta-se um conjunto de materiais cerâmicos e metálicos exumados nos finais do século passado, por Carlos Ribeiro, nas grutas do Poço Velho (Cascais). Parcialmente inéditos, documentam localmente a utilização da cavidade, como necrópole ou base habitacional, desde um momento antigo da Idade do Bronze até à 2.^a Idade do Ferro.

Abstract

We present here several mettalic and ceramic artifacts recovered, last century, by Carlos Ribeiro in the cave of Poço Velho (Cascais). Mostly unknown till the present, this collection comprises materials that testify a local occupation from Bronze to Iron Age.

* R. Inácio de Sousa, 5, 4.^o - 1500 Lisboa.

As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das Grutas do Poco Velho (Cascais)

Resumo - Apresentamos os resultados de uma investigação arqueológica realizada nas Grutas do Poco Velho, em Cascais, durante o ano de 1987. O sítio foi escavado e os materiais encontrados foram analisados e classificados. Os resultados da investigação são apresentados e discutidos. O sítio é considerado uma das mais importantes ocupações humanas do período do Bronze e do Ferro em Cascais.

Abstract - We present here several materials and some results concerning the Bronze and Iron Ages occupations of the Grutas do Poco Velho (Cascais). Briefly mentioned are the present state of the collection materials that are in a local occupation from Bronze to Iron Age.

Resumo - Apresentamos os resultados de uma investigação arqueológica realizada nas Grutas do Poco Velho, em Cascais, durante o ano de 1987. O sítio foi escavado e os materiais encontrados foram analisados e classificados. Os resultados da investigação são apresentados e discutidos. O sítio é considerado uma das mais importantes ocupações humanas do período do Bronze e do Ferro em Cascais.

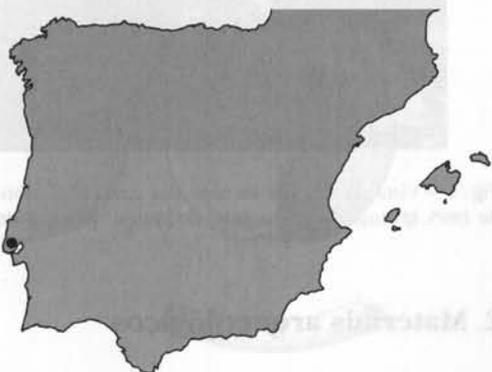
Este artigo apresenta os resultados de uma investigação arqueológica realizada nas Grutas do Poco Velho, em Cascais, durante o ano de 1987. O sítio foi escavado e os materiais encontrados foram analisados e classificados. Os resultados da investigação são apresentados e discutidos. O sítio é considerado uma das mais importantes ocupações humanas do período do Bronze e do Ferro em Cascais.

Abstract

We present here several materials and some results concerning the Bronze and Iron Ages occupations of the Grutas do Poco Velho (Cascais). Briefly mentioned are the present state of the collection materials that are in a local occupation from Bronze to Iron Age.

1. Introdução

As grutas do Poço Velho constituem um conjunto de três cavidades cársticas, contíguas, localizadas no tecido urbano da vila de Cascais. Escavadas pelo General Carlos Ribeiro, entre Março e Abril de 1879, proporcionaram um abundante espólio arqueológico e osteológico que documenta a sua utilização durante um largo trecho cronológico, desde pelo menos o Paleolítico Superior ao período visigótico. A morte de Carlos Ribeiro, ocorrida três anos depois da intervenção, impossibilitou o estudo pormenorizado na época do sítio, o qual só foi levado a cabo por Afonso do Paço, em 1941, e apenas no respeitante aos materiais então entendidos como pré-históricos.



O presente trabalho, que visa parcialmente completar o anterior, apresenta um lote diversificado de materiais metálicos e cerâmicos, actualmente depositados no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, correspondente a diversos momentos não sincrónicos integráveis entre o Bronze Antigo/Médio e a 2.^a Idade do Ferro.

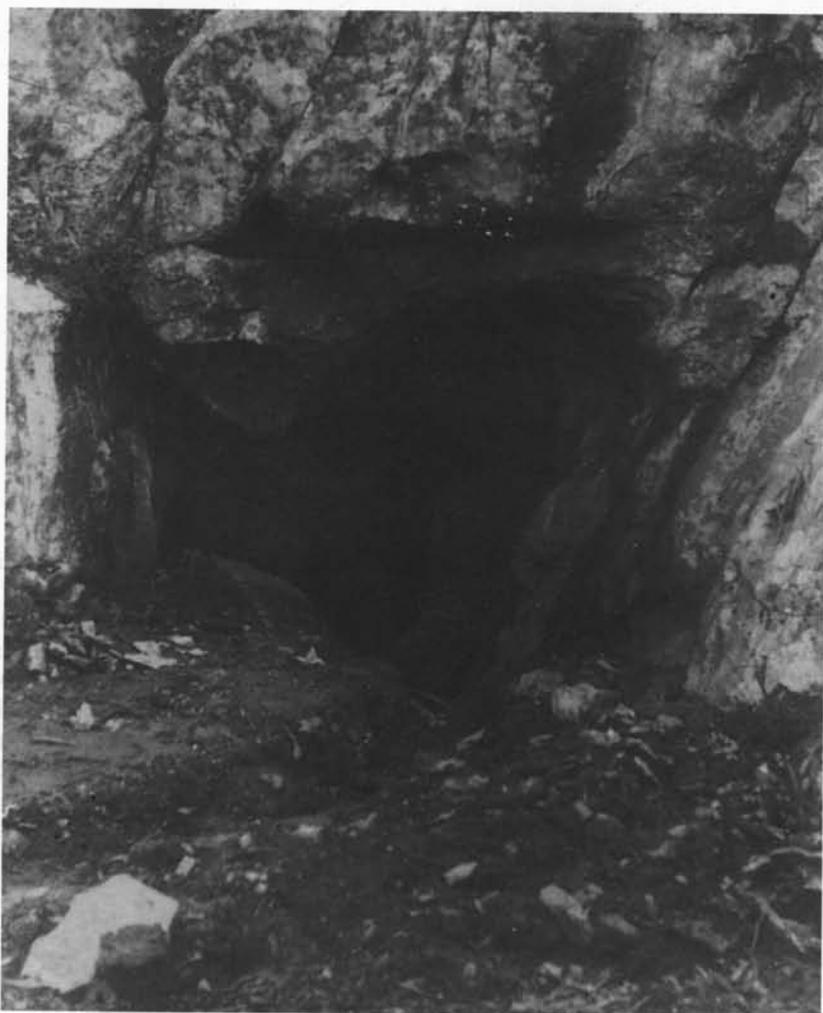


Fig. 1 – Vista da entrada de uma das cavidades, obtida por Maximiliano Apolinário em Novembro de 1895. (Fotografia do Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

2. Materiais arqueológicos

São escassos os elementos descritivos conservados sobre a escavação. Reduzem-se a breves apontamentos do caderno de campo de C. Ribeiro já transcritos por Afonso do Paço e a algumas etiquetas conservadas sobre as peças, crivelmente manuscritas na época pelo punho do próprio escavador, e que referem em cada caso a cavidade de proveniência. No entanto, esta informação disponível afigura-se globalmente pouco significativa e nalguns casos incerta, pelo que na continuação nos dispensaremos de continuar a referi-la.

3. Inventário

3.1. Materiais metálicos

1 – Punhal de lâmina subtriangular (fig. 2, n.º 1); lingueta subtriangular alongada; bordos regularizados por martelagem lateral, de que resultou localmente uma secção em "I" horizontal. Possui

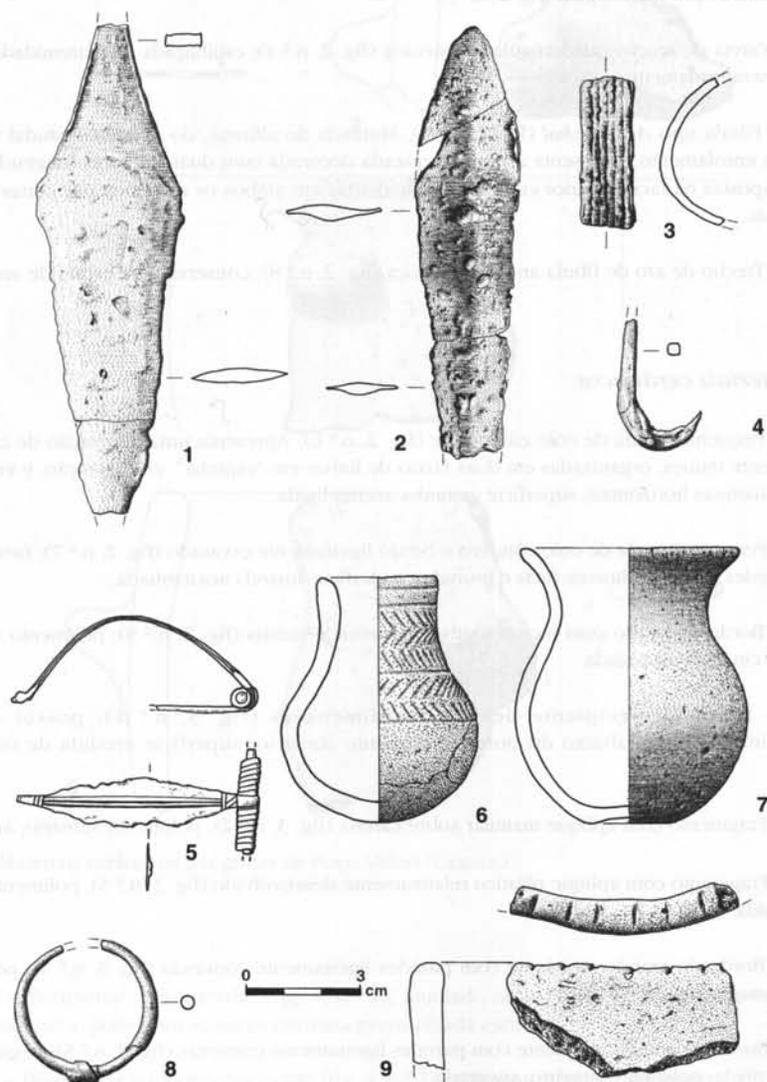


Fig. 2 – Materiais metálicos (n.º 1 a n.º 5 e n.º 8) e cerâmicos (n.º 6, 7 e 9) das grutas de Poço Velho (Cascais).

ambas as extremidades mutiladas; gumes danificados; secção transversal biconvexa e relativamente aplanada no corpo central. Uma operação de brocagem mal sucedida para a extracção de metal para análise química veio a estilhar seriamente o corpo central da peça.

2 – Punhal de lâmina subtriangular (fig. 2, n.º 2); lingueta curta subtriangular; extremidade proximal mutilada; gumes danificados; secção lenticular, relativamente espessada no seu centro; superfícies corroídas, com generalizadas crostas de alteração.

3 – Aro encurvado relativamente largo, decorado com faixa de seis nervuras longitudinais, obtidas crivelmente por martelagem (fig. 2, n.º 3).

4 – Vareta de secção quadrangular encurvada (fig. 2, n.º 4); estilhada na extremidade direita; corpo generalizadamente corroído.

5 – Fíbula tipo *Achebubchal* (fig. 2, n.º 5). Mutilada do alfinete, do apêndice caudal e de um trecho do enrolamento. Apresenta a ponte arqueada decorada com duas nervuras longitudinais em relevo dispostas na face superior convexa, enquadradas em ambos os extremos por curtas incisões transversais.

6 – Trecho de aro de fíbula anular hispânica (fig. 2, n.º 8); conserva uma espira de secção fitiforme.

3.2. Materiais cerâmicos

1 – Pequena garrafa de colo cilíndrico (fig. 2, n.º 6). Apresenta uma decoração de caneluras relativamente ténues, organizadas em duas faixas de linhas em “espinha”, em oposição, e enquadradas por caneluras horizontais; superfície castanha avermelhada.

2 – Pequena garrafa de colo côncavo e bordo ligeiramente esvasado (fig. 2, n.º 7); fundo onfaloide; paredes assinalavelmente finas e brunidas; superfície amarela acastanhada.

3 – Bordo decorado com incisões sub-horizontais e radiais (fig. 2, n.º 9); polimento sumário; superfície cinzenta alaranjada.

4 – Bordo de recipiente de grandes dimensões (fig. 3, n.º 1); possui aplique mamilar iniciado logo abaixo do bordo; polimento sumário; superfície erodida de coloração anegrada.

5 – Fragmento com aplique mamilar sobre carena (fig. 3, n.º 2); polimento sumário; anegrada.

6 – Fragmento com aplique plástico relativamente desenvolvido (fig. 3, n.º 3); polimento sumário; anegrada.

7 – Bordo de grande recipiente com paredes ligeiramente convexas (fig. 3, n.º 4); polimento sumário; anegrada.

8 – Bordo de grande recipiente com paredes ligeiramente convexas (fig. 3, n.º 5); pega parcialmente mutilada; polimento sumário; anegrada.

9 – Cossoiro troncocónico, com base relativamente aplanada (fig. 3, n.º 6); polimento cuidadoso; superfície anegrada.

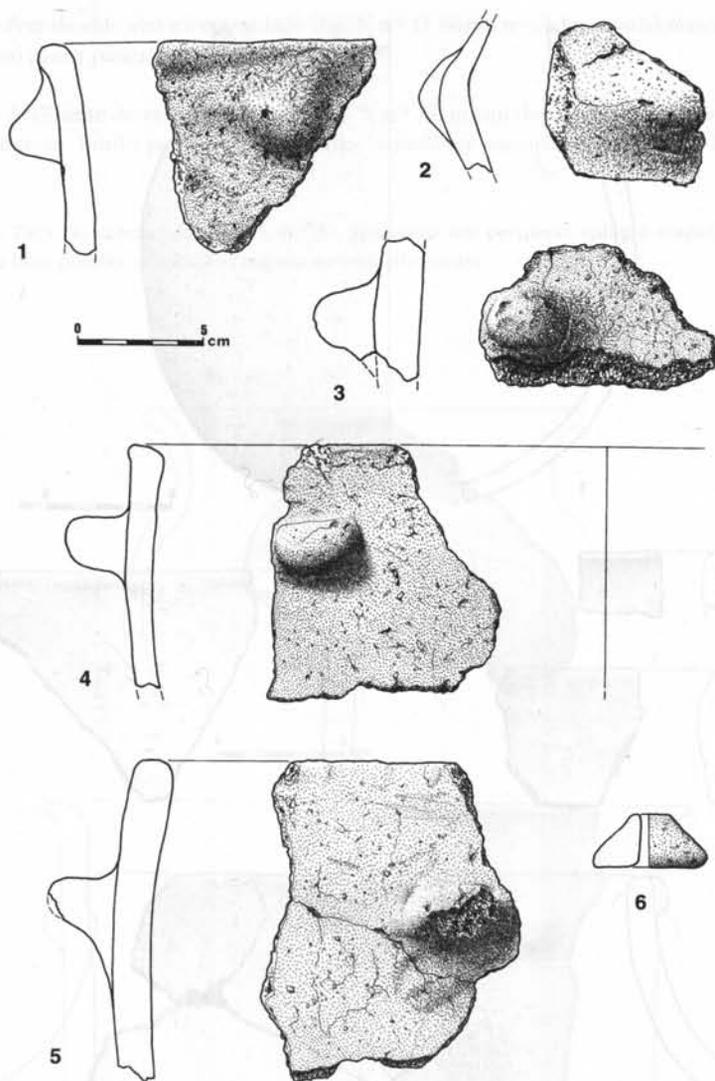


Fig. 3 – Materiais cerâmicos das grutas de Poço Velho (Cascais).

10 – Recipiente tipo “garrafa” (fig. 4, n.º 1); mutilado na periferia do bordo e na base; pasta pouco compacta; polimento sumário; cinzenta avermelhada escura.

11 – Bordo espessado exteriormente (fig. 4, n.º 2); polimento sumário anegrado.

12 – Bordo espessado de pequeno recipiente com incipiente colo troncocónico (fig. 4, n.º 3); bordo espessado exteriormente; superfície sumariamente alisada de coloração castanha alaranjada.

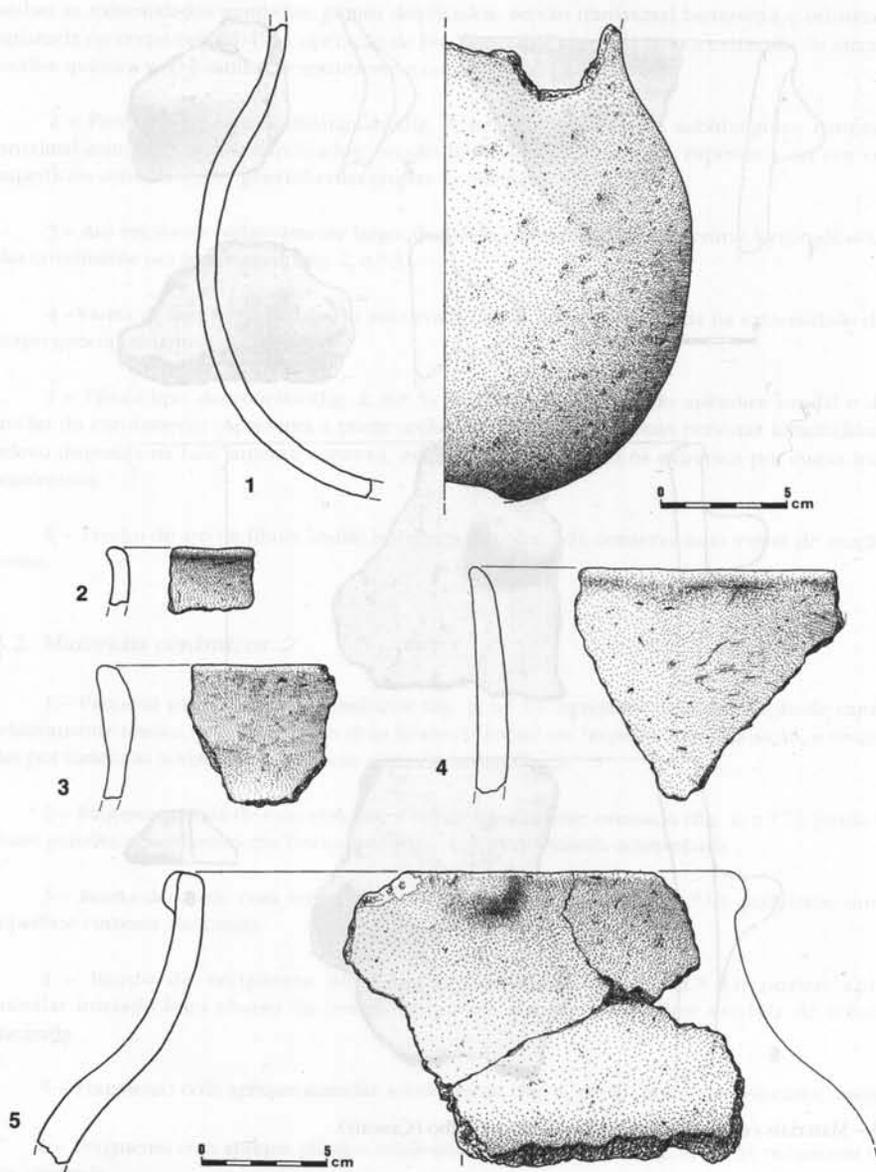


Fig. 4 – Materiais cerâmicos das grutas de Poço Velho (Cascais).

13 – Bordo de pote de grandes dimensões (fig. 4, n.º 4); pasta compacta; coloração cinzenta alaranjada.

14 – Bordo de recipiente de colo troncocónico curto (fig. 4, n.º 5); possui um aplique mamilar desenvolvido logo abaixo do bordo; castanha alaranjada.

15 – Pote de colo alto e estrangulado (fig. 5, n.º 1); bordo revirado; ressalto marcado na passagem do colo para a pança; superfície anegrada.

16 – Recipiente de corpo cilíndrico (fig. 5, n.º 2); possui dois apliques mamilares alinhados horizontalmente; bordo parcialmente estirado; superfícies sumariamente polidas; castanho-alaranjada.

17 – Taça de carena alta (fig. 5, n.º 3); apresenta um pequeno aplice mamilar na carena; superfícies bem polidas; coloração cinzenta esverdeada escura.

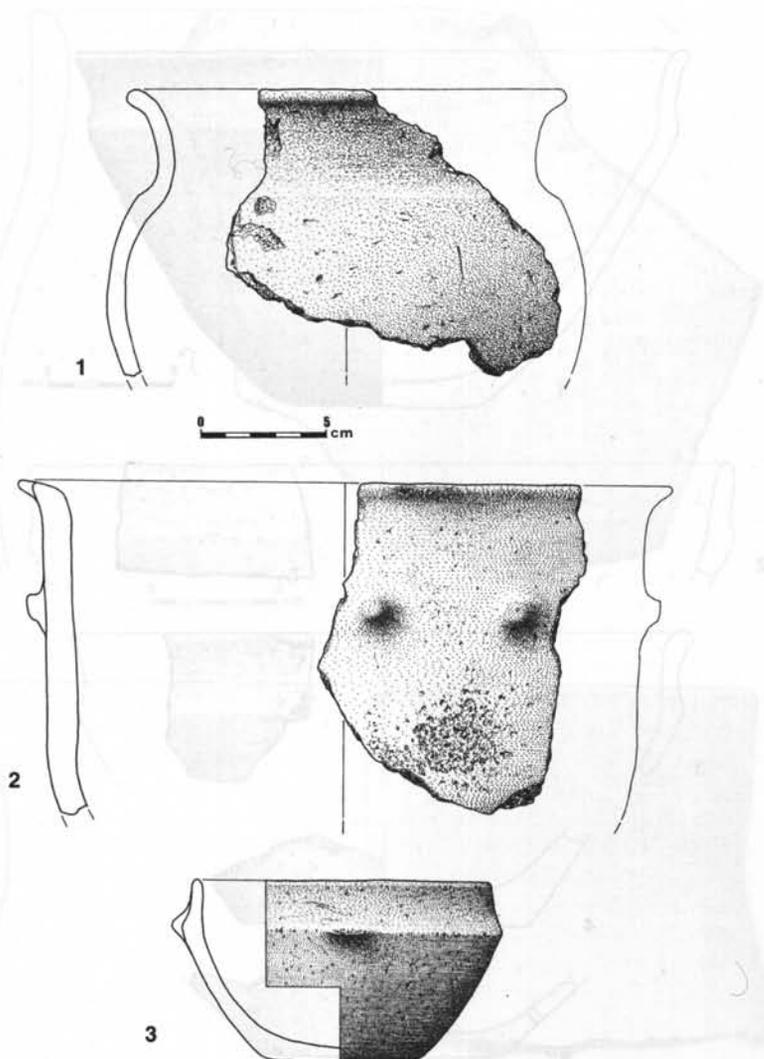


Fig. 5 – Materiais cerâmicos das grutas de Poço Velho (Cascais).

- 18 – Taça de carena alta (fig. 6, n.º 1); superfície mediantemente polida; cinzenta acastanhada escura.
- 19 – Bordo de taça de carena alta (fig. 6, n.º 2); superfície brunida; cinzenta alaranjada.
- 20 – Bordo de taça de carena alta (fig. 6, n.º 3); superfície brunida; castanha avermelhada.
- 21 – Base aplanada (fig. 6, n.º 4); superfície brunida; coloração castanha avermelhada.

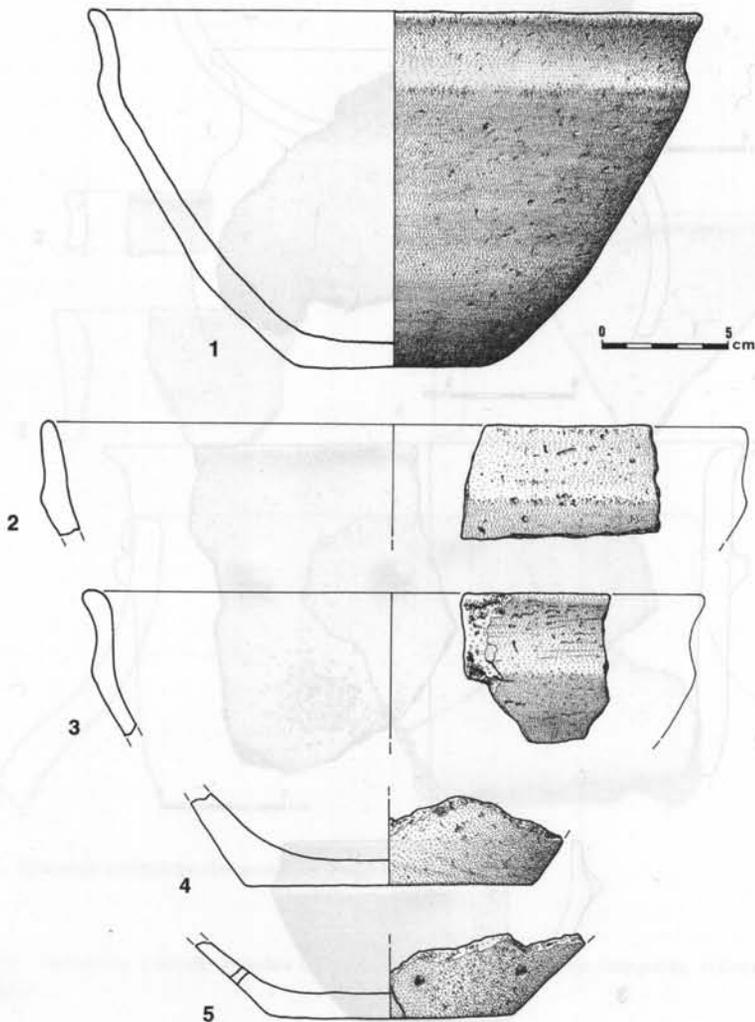


Fig. 6 – Materiais cerâmicos das grutas de Poço Velho (Cascais).
O Arqueólogo Português, Série IV, 8/10, 1990-1992, p. 229-245.

22 – Base aplanada (fig. 6, n.º 5); apresenta duas perfurações horizontais, obtidas após a cozedura; superfícies brunidas; castanha alaranjada.

23 – Recipiente de grandes dimensões de geometria esferoidal, com o bordo ligeiramente revirado para o exterior (fig. 7, n.º 1); superfície sumariamente alisada; cinzenta alaranjada.

24 – Bordo de grande pote de colo cilíndrico (fig. 7, n.º 2); superfícies bem polidas; coloração cinzenta acastanhada escura.

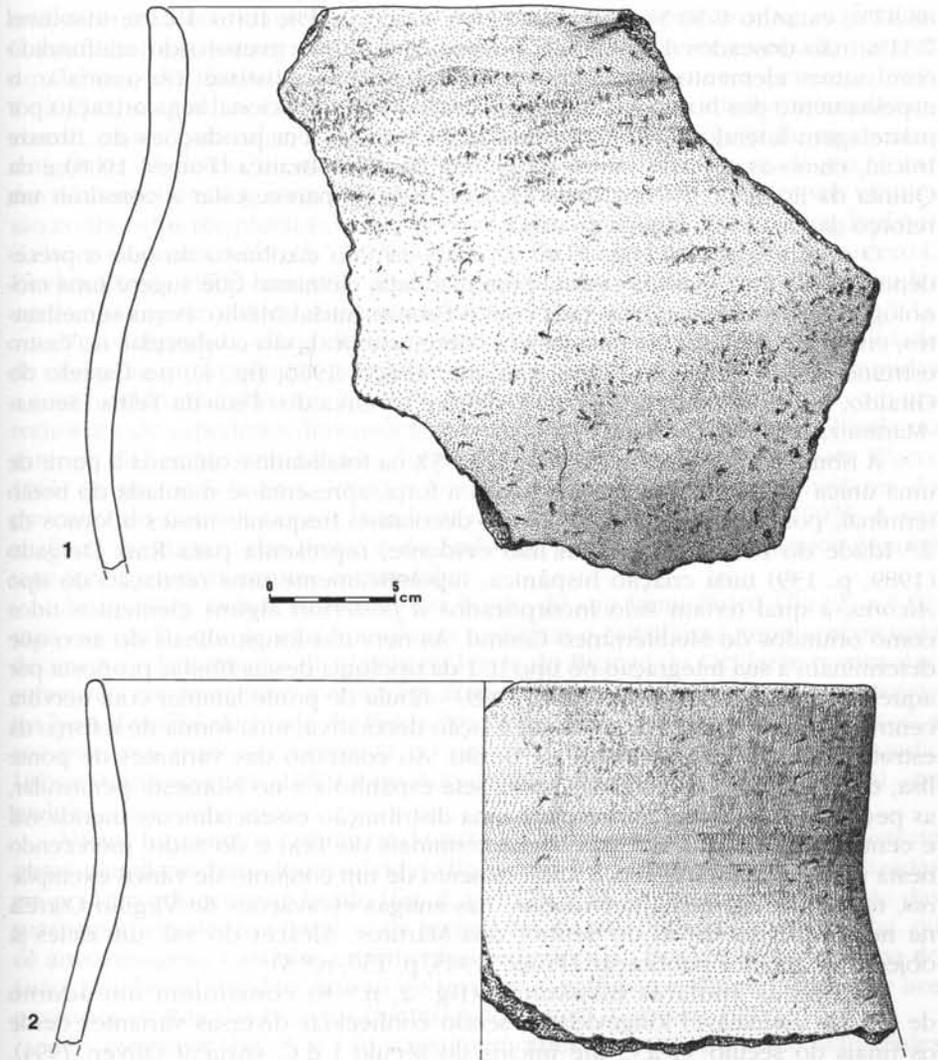


Fig. 7 – Materiais cerâmicos das grutas de Poço Velho (Cascais).

4. Integração cronológico-cultural

De tipologia diversa, os dois punhais de cobre arsenical revelam entre si algumas especificidades morfológicas significativas, não sendo de modo nenhum evidente a sua contemporaneidade.

O primeiro exemplar (fig. 2, n.º 1), de corpo central relativamente aplanado, possui diversos paralelos no Calcolítico campaniforme e, em menor número, em contextos posteriores do Bronze Inicial. Uma análise química efectuada no final do século passado por investigadores da Escola Politécnica, e publicada por Alfredo Bensaúde (1888-92), revelou um cobre sem impurezas de arsénio (cobre 88.87%; estanho 0.50 %; chumbo 0.33%; zinco 0.21%; ferro 1.22%; insolúvel 7.31%; não doseados 1.56%), seja porque este último tivesse sido confundido com outros elementos ou, menos crívelmente, não existisse. De assinalar, o espessamento dos bordos da lingueta, resultado de intencional regularização por martelagem lateral, ocorrência por nós encontrada em produções do Bronze Inicial, como as espadas curtas da Quinta da Água Branca (Fortes, 1908) e da Quinta da Romeira, Torres Novas (Jalhay, 1934) e parece estar a constituir um reforço da fixação da lâmina ao cabo.

O segundo punhal (fig. 2, n.º 2), mais estreito e robusto do que o precedente, revela uma nervura central bem marcada, elemento que sugere uma cronologia mais recente, e conectada com o Bronze Inicial/Médio. Peças semelhantes, em todos os casos executadas em cobre arsenical, são conhecidas no castro estremenho da Pedra do Ouro, Alenquer (Paço, 1966, fig. 4), no Castelo do Giraldo, Évora (Schubart, 1975, tf. 37/483) e na Orca dos Fiais da Telha (Senna-Martinez, 1989, fig. CCXLIII).

A fíbula de tipo *Acebuchal* (fig. 2, n.º 5), na totalidade executada a partir de uma única vareta crívelmente martelada à forja, apresenta-se mutilada do botão terminal, por regra revirado, elemento decorativo frequente nestes adornos da 2.ª Idade do Ferro. De origem não evidente, representa para Ruiz Delgado (1989, p. 139) uma criação hispânica, hipoteticamente uma recriação do tipo *Alcores*, à qual teriam sido incorporados *a posteriori* alguns elementos tidos como oriundos do Mediterrâneo Central. As nervuras longitudinais do arco que determinam a sua integração no tipo II/1 da tipologia destas fíbulas proposta por aquele investigador (Ruiz Delgado, 1989) - fíbula de ponte laminar com nervura central - sugerem, além de evidente função decorativa, uma forma de reforço da estrutura a esforços mecânicos de flexão. Ao contrário das variantes de ponte lisa, estas sobretudo divulgadas na Meseta espanhola e no Noroeste peninsular, as peças de arco nervurado revelam uma distribuição essencialmente meridional e centrada na Andaluzia e nas bacias terminais do Tejo e do Sado, merecendo nesta última zona referência o aparecimento de um conjunto de vários exemplares, todos analogamente nervurados, nas antigas escavações de Virgílio Correia na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal, um deles já objecto de anterior publicação (Ponte, 1985, p. 150, n.º 3).

As fíbulas anulares hispânicas (fig. 2, n.º 8) constituem um adorno de grande assinalável longevidade, sendo conhecidas diversas variantes desde os finais do século VI a.C. até inícios do século I d.C. (Argent Oliver, 1994). De origem controversa, oriental segundo Almagro Basch (1966), ou centro-europeia segundo Cuadrado (1957), representam, talvez, a fíbula mais ampla

mente divulgada em território peninsular durante a 2.^a Idade do Ferro. A espira fitiforme desta peça aproxima-a, em particular, de alguns exemplares provenientes da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (inéditos, Museu Nacional de Arqueologia).

Já anteriormente apresentada como uma produção da Idade do Bronze (Spindler et al., 1974-75), temos uma pequena garrafa de colo alto cilíndrico decorada com faixas de linhas em “espiga” (fig. 2, n.º 6). Embora os paralelos para este motivo sejam sobretudo calcolíticos, decorações análogas de linhas quebradas são conhecidas em contextos posteriores, nomeadamente no povoado do Bronze Médio do Catujal, Loures (Carreira, no prelo). A superficialidade das caneluras recordam pela sua técnica de execução os ornatos brunidos, mas diferem decididamente destes pelos sulcos um pouco mais marcados. O paralelo formal mais próximo encontra-se num recipiente exumado na anta do Cabeço do Considreiro, Pavia (Correia, 1921; Leisner e Leisner, 1959, *tf.* 20/14), o qual foi encontrado com um punção no seu interior, consubstanciando, neste particular, um ritual funerário sobretudo próprio de momentos antigos da Idade do Bronze, e que, recentemente, foi documentado no Monte dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1988/89). No país vizinho são conhecidos recipientes paralelizáveis na anta de Puebla del Maestra, Badajoz (Leisner e Leisner, 1959, *tf.* 53/5/1) e na cista da Idade do Bronze de Becerrero I, Huelva (Amo, 1975, *lam.* 98). A uma forma similar a esta deverá corresponder um recipiente de médias dimensões, mutilado no colo e na base (fig. 4, n.º 1).

No conjunto da olaria do Poço Velho merece destaque pela sua qualidade de execução uma pequena garrafa de paredes assinalavelmente finas e brunidas e com fundo onfalóide (fig. 2, n.º 7). Apresenta estreita analogia formal com um recipiente de superiores dimensões proveniente de uma sepultura localizada no exterior do recinto amuralhado do castro da Pedra de Ouro, Alenquer (Paço, 1966; Leisner e Schubart, 1966) e com dois outros pequenos exemplares do povoado do Catujal, Loures (Cardoso e Carreira, 1993; Carreira, 1993). A sua ausência no Bronze das Beiras e do Sudoeste permite admitir estarmos perante uma forma especificamente estremenha.

As incisões radiais presentes no bordo de um hemisférico (fig. 2, n.º 9), mais espaçadas que as suas homólogas neolíticas e calcolíticas, representam uma decoração relativamente divulgada na Idade do Bronze do Ocidente peninsular, sobretudo em momentos avançados, e que subsiste com frequência em contextos bem diversos da Idade do Ferro. No Baixo Tejo, entre vários outros sítios, a sua presença pode ser rastreada no povoado ribeirinho da Tapada da Ajuda, Lisboa (Cardoso et al., 1986) e no Alto de Barronhos, Oeiras (Carreira et al., no prelo).

Vários fragmentos cerâmicos de paredes relativamente espessas apresentam pegas mamilares bem desenvolvidas (fig. 3, n.ºs 1 a 5), três das quais localizadas em posição adjacente ao bordo (fig. 2, n.ºs 1, 4 e 5). O acabamento sumário das suas superfícies indicia tratar-se de recipientes de uso doméstico, de cozinha, ou de armazenagem. Paralelos estremelhos reduzidos ao Bronze Médio da Lapa do Suão, Bombarral (inédito, Museu do Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa) e aos povoados da Rua das Padarias (Sintra) e do Catujal (Carreira, 1994).

Os cossoiros (fig. 3, n.º 6) constituem artefactos utilizados em actividades de fiação como pesos tensores para a torção de fibras. Conhecidos na Europa Central em contextos assinaláveis ao Neolítico Médio e Final (Petrequin e

Petrequin, 1988), a sua presença na Península não é conhecida anteriormente ao Calcolítico Final. Relativamente comuns no Bronze Final peninsular, as suas formas diversificam-se assinalavelmente na Idade do Ferro, onde a sua deposição como oferendas funerárias representa uma prática bem documentada, pelo que no caso presente não é de afastar a hipótese do exemplar do Poço Velho (fig. 3, n.º 6), de tipologia relativamente avançada na série daqueles artefactos, acompanhar qualquer das duas fíbulas sidéricas, talvez com maior probabilidade a fíbula de tipo *Achebuchal*.

O pote de colo incipiente (fig. 4, n.º 5) com um pequeno aplique plástico abaixo do bordo representa outra forma pouco comum, até ao presente não documentada em solo português. No caso, o paralelo mais significativo, no caso decorado com pequenos apliques alinhados verticalmente e com o corpo inferior um pouco mais achatado, provém da necrópole de cistas andaluza de Castañuelo II (Amo, 1975, lam. 177, n.º 38).

O pote de colo alto, com marcado ressalto na passagem do colo para a carena (fig. 5, n.º 1), constitui, ao presente, uma outra peça sem paralelo no Baixo Tejo. Recorda sumariamente a forma B4 da tipologia da cerâmica proto-histórica de G. Marques (1974, p. 141), possuindo significativas similitudes com um recipiente associado à fase IA, Bronze Final, do Castro da Senhora da Guia, Baiões (Silva, 1986, est. XL 11, n.º 9).

Uma forma de corpo cilíndroide, com dois apliques mamilares, exhibe um bordo estirado, crivelmente utilizável como pega (fig. 5, n.º 2). Formas análogas podem ser referenciadas na gruta da Ponte da Laje, Oeiras (Cardoso e Carreira, no prelo), na Gruta do Buraco Roto, Batalha (inédito, escavações de Nuno de Oliveira), no povoado da Idade do Bronze do Agroal, Tomar (Lilios, 1991, fig. 34/a), na gruta do Caldeirão, Tomar (Zilhão, 1992, fig. 9.3/1), na Lapa da Bugalheira, Torres Novas (Paço, Zbyszewski e Ferreira, 1971), no Outeiro da Assenta, Óbidos (inédito, Museu Nacional de Arqueologia), no povoado do Zambujal, Torres Vedras (inédito, Museu Municipal de Torres Vedras) e no Bronze Final Antigo da Tapada da Ajuda (comunicação pessoal de J. Luís Cardoso). Mais a norte, nas Beiras, a sua presença foi assinalada em contexto do Bronze Pleno na UE 4 da sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão (Senna-Martinez, 1993). Em particular, o par de apliques plásticos encontra diversos paralelos em recipientes de tipologia diversa, sobretudo em taças de carena baixa e de colo mais ou menos côncavo, provenientes de diversos monumentos megalíticos do Alto Alentejo e de cronologia nem sempre evidente.

As taças de carena alta encontram-se representadas por quatro exemplares de geometria e dimensões diversas (fig. 5, n.º 3, e fig. 6, n.ºs 1 a 3), evidenciando na globalidade cuidadosos acabamentos das superfícies ora polidas, ora brunidas. Ausentes os característicos ornatos brunidos tão frequentes nestas formas, os seus elementos decorativos resumem-se a um pequeno aplique plástico localizado sobre a linha de carena do exemplar de menores dimensões (fig. 5, n.º 3). Com pequenas variações formais, as taças de carena alta e de fundo aplanado constituem, talvez, o tipo cerâmico mais largamente divulgado ao longo de todo o Bronze Final estremenho, chegando a conviver com as primeiras importações de âmbito fenício. As formas similares ou, com maior probabilidade, a potes de colo cilíndroide deverão corresponder as duas robustas bases aplanadas (fig. 6, n.ºs 4 e 5), merecendo a segunda particular atenção pelas duas perfurações alinhadas horizontalmente que sugerem tanto um artifício para manuten-

ção de baixo nível de água no seu interior quanto, e, mais simplesmente, um simples arranjo das paredes do corpo quebrado do recipiente.

Os potes altos (fig. 4, n.º 4; fig. 6, n.ºs 1 e 2) são recipientes volumosos, bem adaptados a uma utilização como contentores de matérias alimentares. Com algumas variações morfológicas, estes recipientes revelam uma larga divulgação no Bronze Final e na generalidade próxima da das taças de carena alta que frequentemente acompanham.

5. Palavras finais

Apesar da ausência de elementos detalhados sobre a escavação, ocorrência relativamente frequente no estudo de conjuntos antigos, é possível distinguir na globalidade do espólio proto-histórico das Grutas do Poço Velho diversos momentos de ocupação da cavidade bem diferenciados no tempo.

A um primeiro momento, associável ao Bronze Antigo/Médio, podem ser associados com relativa segurança, entre outros, as duas pequenas garrafas, senão ambos os punhais, pelo menos o exemplar de lingueta mais curta, os recipientes de pegas subcilindróides e o esférico de bordo ligeiramente esvasado. Se os punhais de cobre arsenical possuem uma vida relativamente longa, podendo ser encontrados em latitudes e áreas cronológico-culturais bem diversas, os achados cerâmicos revelam uma divulgação por regra bem mais limitada: uns com estreitos paralelos no Bronze do Sudoeste, reflectem a propagação para norte de influências meridionais até há pouco tempo insuspeitadas, outros, por outro lado, evidenciam especificidades regionais, até ao presente pouco divulgadas, e que parecem conformar o ainda mal documentado Bronze Médio estre-menho.

É reduzida a informação disponível a partir da qual se possa inferir a natureza das ocupações deste período. Se os pequenos recipientes de acabamento cuidado revelam características que se enquadram bem como oferendas funerárias, as peças de superior dimensão de pegas e com tratamentos sumários das superfícies sugerem, de modo diverso, funções de contentorização de conteúdos alimentares e indiciam ocupações domésticas.

A um momento posterior, associável ao Bronze Final, podem ser associados o fragmento decorado com incisões radiais no bordo, o pote de colo alto e côncavo, as taças de carena alta e alguns fragmentos de potes bitroncocónicos. A ausência no conjunto de ornatos brunidos, elemento decorativo característico de fases avançadas deste momento, sugere estarmos perante ocupações relativamente antigas dentro daquele período. Diversamente do sucedido para as anteriores ocupações do Bronze Inicial/Médio, a presença de recipientes volumosos é marcadamente ambivalente e menos significativa, pois estas formas são frequentes tanto em contextos funerários, quanto domésticos, pelo que resta incerta a natureza das ocupações do Bronze Final.

A momentos integráveis já na Idade do Ferro, necessariamente não sincrónicos, correspondem as fíbulas de bronze tipo *Acebuchal* e a anular hispânica. No entanto, de modo diverso do sucedido para os períodos anteriores, com a possível excepção do cossoiro, não se afigura evidente a existência de quaisquer materiais cerâmicos manuais ou de roda associados a estas últimas ocupações.

Bibliografia

- ALMAGRO BASCH, M. (1966) - *Sobre el origen posible de las más antiguas fibulas anulares hispánicas*. «Ampurias». Barcelona, 28, p. 215-33.
- AMO, M. del (1975) - *Enterramientos en cista de la provincia de Huelva*. «Huelva: Prehistoria y Antigüedad». Madrid: Editora Nacional. p. 109-182.
- ARGENT OLIVER, J. L. (1994) - *Las fibulas de la Edad del Hierro en la Meseta Oriental*. Madrid: Ministerio da Cultura. (Excavaciones Arqueológicas en España; 168).
- BENSAÚDE, A. (1888-1892) - *Notice sur quelques objets préhistoriques fabriqués en cuire*. «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal». Lisboa, 2, p. 119-124.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993) - *Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage*. «Mediterrâneo». Lisboa, 2, p. 193-206.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (no prelo) - *A ocupação da Idade do Bronze da Gruta da Ponte da Laje (Oeiras)*. Oeiras. «Estudos Arqueológicos de Oeiras», 6.
- CARDOSO, J. [et al.] (1986) - *A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda*. «Revista Municipal». Lisboa. 2.ª série, 15, p. 13-18.
- CARREIRA, J. R. (1993) - *A pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior)*. Lisboa. «Trabalhos de Arqueologia da EAM», 2, p. 47-144.
- CARREIRA, J. R. (1994) - *A ocupação pré-histórica do Alto de Chibanes (Palmela)*. «Trabalhos de Arqueologia da EAM». Lisboa, 3, p. 135-225.
- CARREIRA, J. R. (no prelo) - *A ocupação pré-histórica da Lapa da Bugalbeira*. «Nova Augusta». Torres Novas.
- CARREIRA, J. R. (em preparação) - *Catuja: um povoado do Bronze médio a norte do estuário do Tejo*. «Trabalhos de Arqueologia da EAM». Lisboa, 4.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L.; LOPES, F. P. (no prelo) - *A ocupação pré-histórica do Alto de Barronhos, Oeiras*. «Estudos Arqueológicos de Oeiras». Oeiras, 6.
- CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciências Naturales.
- CUADRADO, E. (1957) - *La fibula anular hispánica y sus problemas*. «Zephyrus». Madrid, 8, p. 1-76.
- FORTES, J. (1908) - *A sepultura da Quinta da Água Branca (Edade do Cobre)*. «Portugália». Porto, p. 241-252.
- GONÇALVES, V. dos S. (1988/89) - *A ocupação pré-histórica do Monte dos Alabardeiros (Reguengos de Monsaraz)*. «Portugália». Porto. Nova Série, 9-10, p. 49-60.
- JALHAY, E. (1934) - *A adaga da Quinta da Romeira. Subsídios para o estudo da época do Bronze em Portugal*. «Brotéria». Lisboa, 19:1, p. 20-30.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V.; SCHUBART, H. (1966) - *Die Kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro*. Madrider Mitteilungen. Heidelberg, 7, p. 9-60.
- LILIOS, K. (1991) - *Competition to fission: the copper age to bronze age transition in the lowlands of west-central Portugal (3000-1000 BC)*. Yale: Yale University.
- MARQUES, G. (1974) - *Aspectos da proto-história do território português, 1- Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro)*. In «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia». Porto, v. 1, p. 125-148.
- PAÇO, A. do (1941) - *As grutas do Poço Velho ou de Cascais*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». Lisboa, 22, p. 45-84.

- PAÇO, A. do (1966) - *Castelo da Pedra de Ouro*. «Anais da Academia Portuguesa de História». Lisboa. II série, 16, p. 117-52.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. (1943) - *A gruta de Porto-Covo*. In «Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências». Lisboa. p. 118-129.
- PAÇO, A. do; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1971) - *Resultado das escavações na Lapa da Bugalbeira (Torres Novas)*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». Lisboa. 55, p. 23-48.
- PETREQUIN, A.; PETREQUIN, P. (1988) - *Le Néolithique des lacs*. Paris: Ed. Errance.
- PONTE, S. (1985) - *Algumas fíbulas de Alcácer do Sal*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. S. 4, 3, p. 137-153.
- RUÍZ DELGADO, M. (1989) - *Fíbulas proto-históricas en el Sur de la Península Ibérica*. Sevilha: Universidad.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Deutsches Archäologisches Institut. (Madriider Forschungen; 9).
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) - *Pré-História Recente da bacia do médio e alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Lisboa: Faculdade de Letras. 3 vols. policopiados. Tese de doutoramento em Pré-História e Arqueologia.
- SILVA, A. C. F. da (1986) - *A cultura castreja no norte de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.
- SPINDLER, K. [et al.] (1974-75) - *Le monument à coupole de l'Âge du Bronze Final do Casal do Meio (Calbariz)*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». Lisboa. 57, p. 91-154.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão: o Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR. (Trabalhos de Arqueologia; 6).

